

(Tudo sobre) MEU PAI, o filme (ou a vida real?)¹

Eliane Souto de Abreu²

(All about) THE FATHER, the movie (or the real life?)

Como citar:

Abreu, ES. (Tudo sobre) MEU PAI, o filme (ou a vida real?). Reverie: Revista de Psicanálise, v. 14, p. 55, 2021.

“He ain’t heavy, he’s my brother” (Bob Russel, Bobby Scott)

Este trabalho é dedicado

A meu pai, Enéas (1928 – 2021), e a minha mãe, Rozilda, que o carregou na mente e nos ombros na hora mais escura de sua vida juntos.

¹ Trabalho apresentado no evento Psicanálise e Arte, com o cineasta Francisco Ramalho Jr (27/08/21, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=B42DRBi6JUM>) e na V Jornada Psicanalítica da SPFOR (30/10/21).

² Psicanalista Efetiva da SPFOR, Médica psiquiatra, Profa. do curso de Medicina - Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

(Tudo sobre) MEU PAI, o filme (ou a vida real?)³

Eliane Souto de Abreu⁴

(All about) THE FATHER, the movie (or the real life?)

RESUMO

O filme *Meu Pai*, de Florian Zeller (2020) é considerado neste trabalho como um *trailer* do inconsciente, com suas leis peculiares - a ausência de negativa ou contradição, o deslocamento, a condensação, o desconhecimento da realidade, o princípio do prazer e a atemporalidade. Destaca-se o distanciamento afetivo entre o pai e a filha, dificultando o enfrentamento da demência e agravando o sofrimento de ambos.

Palavras-chave:

Filme, Demência, Psicanálise

ABSTRACT

In this work, the film *The father*, by Florian Zeller (2020) is considered as a trailer for the unconscious, with its peculiar laws – the absence of denial or contradiction, displacement, condensation, unknowledge of reality, the principle of pleasure and timelessness. Its considered that the affective distance between the father and his daughter complicated coping with dementia and worsened their suffering.

Keywords:

Film, Dementia, Psychoanalysis

³ Trabalho apresentado no evento Psicanálise e Arte, com o cineasta Francisco Ramalho Jr (27/08/21, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=B42DRBi6JUM>) e na V Jornada Psicanalítica da SPFOR (30/10/21).

⁴ Psicanalista Efetiva da SPFOR, Médica psiquiatra, Profa. do curso de Medicina - Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

O filme *Meu Pai (The Father)*, de Florian Zeller (2020) pode ser visto pelos psicanalistas como um “trailer” do inconsciente e como um triste retrato de afetos - ou da impossibilidade deles - entre os pacientes com demência e seus objetos de amor mais próximos, filhos e cônjuges.

No filme vemos várias leis do inconsciente, como a ausência de negativa ou contradição, fenômenos como o deslocamento, a condensação, o desconhecimento da realidade, o princípio do prazer e a atemporalidade (Freud, 1915/1974).

O inconsciente é atemporal. Ou segundo Green, ele tem um tempo próprio, fragmentado (Green, 2000). Esse tempo fragmentado está presente no filme. Há mudança, mas ela não obedece à cronologia histórica. Anthony diz: “Eu tenho dois relógios, eu sempre tive dois, um no meu pulso e outro na minha cabeça”. Anthony está constantemente perdendo o relógio de pulso, símbolo de sua ligação com o tempo externo, linear. O tempo que predomina é o interno, inconsciente.

Embora aparentemente confusos, todos os elementos do filme têm uma razão de estar ali. Os objetos são circunstanciais, como diria Freud, mas nunca aleatórios (Freud, 1915/1976). Eles se sucedem, se misturam e vemos até o fim do filme que pode haver um significado neles, embora nem sempre fique claro para nós, como nas situações a seguir:

Ao final do filme vemos uma cortina diáfana, esvoaçante e delicada no quarto de Anthony, diferente daquela escura e mais pesada em seu quarto. Ela tem desenho de folhas de árvores. Ele diz “Eu sinto como se eu estivesse perdendo todas as minhas folhas... os galhos, o vento e a chuva”, que é uma imagem da velhice e do frágil ego de Anthony, castigados pelas dificuldades do mundo, tentando sobreviver em meio à devastação.

A jovem cuidadora diz que a pílula favorita de Anthony é a azul, embora ele não queira tomar nenhum remédio.

Quanto mais a casa fica azul, que é a cor do local onde ele está ao final do filme, mais ele pode finalmente vislumbrar o que aconteceu à outra filha, a preferida, saber onde está e quem são as pessoas ao seu redor. Então a “pílula azul” pode ser o princípio da realidade, um amargo remédio que derruba o seu narcisismo e onipotência. Ela o livraria dos delírios e alucinações, mas o joga

dentro do sofrimento real da perda e da solidão. Por outro lado, quanto mais a sua casa vai sendo “desmontada”, mais a sua casa mental, a sua própria mente, vai desmoronando, pois o narcisismo, a onipotência e a projeção vão se tornando mecanismos de defesa cada vez mais precários contra essa demolição.

Meu pai – o verdadeiro – tinha Alzheimer e morreu há poucos meses. Ele evoluiu durante quase 10 anos e a cada dia a doença trazia algo novo. Foi com uma mistura de curiosidade e medo que assisti a Meu Pai. O filme produziu em mim um grande aborrecimento. Diante de uma obra aclamada pela crítica, tentei encontrar o porquê do meu desagrado. Percebi então que a experiência de Anne com a demência do pai era o oposto da minha. Para minha família, a dolorosa experiência da demência foi também uma inesperada janela afetiva, em que conhecemos um pai criança, moleque, menino travesso, divertido, que gostava de beijos e de ser cuidado, diferente do homem mais sério e reservado que sempre foi. Como disse Tagore, tão admirado por Winnicott, “Com tudo inventa tuas brincadeiras” e “À beira-mar de mundos sem fim, crianças brincam” (Luz, 2006). Ríamos com a demência, sim. Mas também nos deparamos com um bebê desamparado, confuso, irritado, agressivo, teimoso, que se recusava a comer e que nos tirava do sério, nos abalava, nos desesperava e nos irritava. Todas essas emoções e sentimentos foram expressos na relação com ele. Talvez em alguns momentos mais do que o recomendável, já que o paciente com Alzheimer precisa de um ambiente seguro, tranquilo e sem grandes mudanças.

Ao contrário da nossa experiência, em Meu Pai – o filme – os afetos estão bloqueados. Eles existem, mas estão abafados, contidos. Há principalmente mágoa, impotência e a impossibilidade de maior aproximação entre pai e filha. No filme, Anne só se aproxima do pai quando este está inconsciente, dormindo, ou é preciso que ele chegue às lágrimas para que ela perceba como ele precisa de seu braço, de seu ombro, de sua mente para ampará-lo.

Há outros filmes que tratam a demência de forma bem diferente.

No britânico Iris (Eyre, 2001), o marido fragilizado e em negação espera o momento em que a protagonista voltará ao normal e será mais uma vez a cabeça do casal. Ele se deixa invadir pela loucura da esposa, e acabam os dois numa casa suja, desorganizada, representando a mente desestruturada de ambos. O quadro é dramático, mas os afetos são intensos e eles – marido e mulher – estão muito próximos nessa tragédia.

No francês Amor (Haneke, 2012), o marido sabe cada detalhe do que sua mulher gosta, até como pentear o cabelo. Ele demonstra seu amor – e seu ódio - vivamente para ela. E ele resolve a situação como acredita que ela gostaria.

No espanhol Viver Duas Vezes (Ripoll, 2019), um idoso e sua família aparentemente disfuncional pegam a estrada para encontrar o grande amor que ele abandonou na juventude. É uma nova oportunidade de se (re)conhecerem, se compreenderem e surpreendentemente viverem duas vezes um velho novo amor.

O título original *The Leisure Seeker* (Virzi, 2017) - no Brasil, *Ella e John* - fala claramente do que trata o filme, da busca de lazer e de momentos compartilhados, da “procura da felicidade” que Ella e John, casados, fazem juntos, entre o câncer terminal e a demência. Não se trata da coisa em si – a felicidade – mas de procurar sentido entre os escombros. É um *road movie* divertido e pensante, sem sentimentalismos baratos. Pois como dizia Bette Davis: “A velhice não é lugar para os fracos” (Davis, s.d.).

Todos esses filmes, tão diferentes entre si, apresentam algo em comum: os intensos afetos que são vivenciados e compartilhados entre o indivíduo com demência e aqueles que o amam. Nada disso acontece entre Anne e Anthony em Meu Pai. Eles ainda estão paralisados por conflitos primordiais, que não foram elaborados em tantas décadas de vida. Infelizmente para eles o processo de envelhecimento e a demência não se tornam uma última oportunidade para resolvê-los e poder amar mais livremente.

O afeto que Anne e Anthony são incapazes de expressar é deslocado para as peças de ópera presentes. Os elementos musicais são muito importantes no filme e estão aí cuidadosamente colocados. Isso é intrigante: há pesquisas mostrando que a música “acende” algo na mente do idoso, mesmo nas demências avançadas (van der Steen et al., 2018). Eles cantam, lembram a letra, acompanham o ritmo, dançam, se alegram – ou choram. Não é só a belíssima melodia trágica que comove, mas a letra das árias têm relação com o sofrimento de Anthony (e Anne). As peças gritam para o mundo o que Anthony e Anne não conseguem expressar.

O filme começa com a ária de King Arthur, de Purcell, que diz:

Que poder és tu? Quem do **mundo inferior** me faz
levantar, de má vontade e lento, de leitos de neve eterna?! Não
vês quão duro, e **assombrosamente velho**, muito incapaz de
suportar o frio intenso, eu mal posso me mover? Prenda minha
respiração. Eu mal posso me mover. Deixe-me, deixe-me, deixe-
me congelar de novo até a morte. (Purcell, 1691, tradução livre,
grifos nossos)

A ária traz o momento em que um poderoso gênio de gelo (*Cold Genius*) é acordado por Cupido, e assim obrigado a interagir com a realidade dos mortais. A ária também relata a condição de Anthony, que não pode ficar em seu “perfeito isolamento” da demência, em seu processo de desligamento onde a pulsão de morte vai desfazendo os elos afetivos (Green, 2000). Ele é obrigado a emergir para a realidade, pelo amor de Anne, e por outros afetos, como o desprezo, ciúme e incompreensão do genro/homem completamente desconhecido.

O conflito edípico é muito presente no filme.

Há uma longa sequência que vai da preparação do jantar até sua infeliz realização a três – Anthony, Anne e seu companheiro.

O prelúdio dessa grande confusão se inicia com Anthony na cozinha, ouvindo a ária *Casta Diva*, da ópera *Norma*, de Bellini (1831). Norma era uma alta sacerdotisa druida, e como tal deveria se manter virgem, em honra dos deuses. Mas ela trai seu voto, pois se apaixona pelo romano Pollione, que ocupa seu território e quer dominar seu povo. Mas Pollione está apaixonado por outra sacerdotisa, Adalgisa. Na ária, Norma pede a paz à Deusa da Lua. A relação das duas mulheres é de ciúme e ódio, mas também de identificação e cumplicidade, ao ponto de Norma se sacrificar para proteger a rival, e no fim, a Suma Sacerdotisa e seu amado são queimados no altar dos deuses, consumidos no fogo de sua relação proibida (Bellini, 1831). No filme, Pollione pode ser o marido de Anne mas também pode ser o próprio pai, ou a demência, que traz o “Estranho”, o (In)familiar (Freud, 1919/1976) vindo das profundezas da mente, para invadir e ocupar a mente de ambos.

Anthony e sua filha estão no carro, possivelmente voltando da consulta com a médica, que parece ter sugerido a internação de Anthony numa instituição. Ouvimos então uma ária de *Os Pescadores de Pérolas*, de Bizet (1863), com o sugestivo nome de “*Eu creio que ainda ouço*” (*Je crois entendre encore*), que fala de uma “*lembrança encantadora*” (memória é coisa preciosa ao paciente

com demência). Nessa ópera, dois pescadores de pérolas do Sri Lanka, os amigos Zurga e Nadir, são ambos apaixonados por Laila, uma sacerdotisa virgem. Pela amizade, ambos juram abandonar esse amor, mas Nadir quebra o juramento. E no final Zurga se sacrifica para que Nadir e Laila possam fugir juntos (Bizet, 1863).

Seguindo-se à ária vemos Anne no mercado comprando frango para o jantar. Atrás dela se vê um pacote de arroz basmati comum no Reino Unido, de nome “Laila”. Então não há dúvida. Anne é a Laila de Anthony, e ele deve se sacrificar para que ela seja feliz com sua escolha amorosa.

Todas essas tragédias mostram entre Anthony e Anne a força e a dor do complexo de Édipo que se mantém pela vida afora. Sabemos por Anthony que Anne é “sóbria” como a mãe, e todos os elogios vão para a irmã, intensamente presente pela ausência e por um grande quadro onde o fundo azul/verde é contrastado com o vestido vermelho de uma menina. Um vermelho “deslumbrante” como a filha preferida.

Na sequência entre os três – Anthony, Anne e Laura/a filha preferida está montado um arranjo em que Anne sempre perdeu, e ela ainda sente assim. Anthony age de maneira inadequada e sedutora com Laura e ambas as mulheres se abalam com as falas grosseiras do homem com demência. Elas deixam de ser mulheres maduras e voltam a ser menininhas assediadas pelo adulto numa confusão de línguas, para lembrar Ferenczy (1932/2006). Num processo de identificação projetiva, o paciente com demência injeta em nós a confusão e a angústia que sente. E é preciso que nosso ego adulto dê continência a isso e o devolva ao idoso de maneira mais elaborada.

A psicanálise nos diz que o reconhecimento da realidade e suas leis nos primeiros anos de vida é fonte de grande sofrimento. Essas realidades, como o reconhecimento da alteridade – da existência do outro – implicando também no reconhecimento dos limites do Ego, a aceitação de não ser de ambos os sexos, do fato de que a mãe tem outros amores que não são o próprio bebê, de que o outro tem mente e pensamentos próprios, entre outras, são compreendidas com muito esforço e podem ser perdidas na demência. E se esses conflitos não foram resolvidos adequadamente, retornarão com força nos momentos de maior vulnerabilidade psíquica ao longo da vida. Em relação ao complexo de Édipo, por exemplo, a criança odeia aqueles a quem ama pelas frustrações amorosas

que sofre. Mas pela sua inferioridade em todos os aspectos – cognitivo, emocional, físico - precisa renunciar ao amor incestuoso e procurar um substitutivo.

O que poderá acontecer quando a situação se inverte – o filho se torna adulto pleno e com força física, ainda ferido no inconsciente pelos pais, e o pai/mãe são agora frágeis fisicamente e sem compreensão cognitiva do mundo? O resultado pode ser a descrição a seguir: 90% dos idosos no Brasil moram com a família. Dois terços dos atos violentos contra idosos são cometidos por seus familiares (filho > filha > nora > genro > cônjuge). 72% dos agressores são filhos ou filhas, muitos desempregados e dependentes financeiros dos idosos. 72% das vítimas são mulheres, e quase 50% têm mais de 80 anos (Matos et al., 2019).

No fim, insistindo num passeio ao ar livre, a moça desconhecida aponta um pouco de esperança para Anthony e para todos os pacientes com Alzheimer e seus familiares: *“Temos que ir enquanto há sol. Temos que aproveitar a chance. Porque um tempo bom assim nunca dura muito. Você vai se sentir melhor, num minuto, eu prometo.”* O consolo para os afetos negativos e ameaçadores ao paciente é que pelo déficit de memória, eles também passarão. Num minuto, o sofrimento pode desaparecer. Devemos estar atentos às chances de aproveitar os momentos de sol – que teimosamente existem - com quem amamos.

REFERÊNCIAS

- Bellini, V.S.C.F. (1831). *Norma* (ópera). Disponível em: <https://opera-inside.com/norma-de-vincenzo-bellini-guia-de-opera-e-sinopse/?lang=pt-pt>. Acessado em: 07/11/2021.
- Bizet, G. (1863). *Os pescadores de pérolas* (ópera). Disponível em: https://www.rtp.pt/antena2/argumentos-de-operas/letra-b/georges-bizet_2066_1824. Acessado em: 07/11/2021.
- Davis, B. (s.d.). *Old age sure ain't for sissies*. Disponível em: <https://quoteinvestigator.com/2019/12/02/aged/>. Acessado em: 10/11/2021.
- Eyre, R. (2001) *Iris/Iris* (Filme).
- Ferenczy, S. (1932/2006). *Confusão de línguas entre os adultos e a criança. A linguagem da ternura e da paixão*. Revista de Psicanálise da SPPA, v.13 (1), pp. 12 -24.
- Freud, S. (1915/1976). *Os Instintos e suas vicissitudes*. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v.XIV, pp. 128 - 162.
- Freud, S. (1915/1974). *O Inconsciente*. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v.XIV, pp. 191 - 233.
- Freud, S. (1919/1976). *O Estranho*. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 17, pp. 275 - 314.

Green, A. (2000). *O Tempo Fragmentado*. Buenos aires: Amorrortu, 203p.

Haneke, M. (2012). *Amor/Amour* (Filme).

Luz, R. (2006). *Winnicott: a poesia e a realidade*. *Natureza Humana* 8(2), pp. 315 – 335.

Matos, N.M.; Albernaz, E.O.; Sousa, B.B.; Braz, M.C.; Vale, M.S.; Pinheiro, H.A. (2019). *Perfil do agressor de pessoas idosas atendidas em um centro de referência em geriatria e gerontologia do Distrito Federal, Brasil*. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.* V.22(5): e190095.

Purcell, H. (1691). *King Arthur*. Disponível em: http://www.impresario.ch/libretto/libpurkin_e.htm. Acessado em: 07/11/2021.

Ripoll, M. (2019), *Vivir dos veces/Viver Duas Vezes* (filme).

Van der Steen, J.T.; Smaling, H.J.A.; van der Wouden, J.C.; Bruinsma, M.S.; Scholten, R.J.P.M.; Vink, A.C. (2018). *Music-based therapeutic interventions for people with dementia*. *Cochrane Database of Systematic Reviews* (7) art. No. CD003477.

Virzi, P. (2017). *Ella e John/The Leisure Seeker* (filme).

Dedicatória

“He ain’t heavy, he’s my brother” (Bob Russel, Bobby Scott)

Este trabalho é dedicado a meu pai, Enéas (1928 – 2021), e a minha mãe, Rozilda, que o carregou na mente e nos ombros na hora mais escura de sua vida juntos.